

ÍNDIOS

Rede de computadores ligará tribos de 7 países

Entidade do Canadá deve financiar o equipamento que permitirá a interligação entre aldeias do Canadá, Equador, México, Peru, Colômbia, Guatemala e Brasil

MARCO UCHOA

ALDEIA POIANAU, Acre — A imagem do índio dissociado do progresso e da tecnologia de ponta pode estar chegando ao fim. Líderes e caciques de tribos de sete países decidiram durante o 2º Encontro Internacional das Primeiras Nações Indígenas das Américas, realizado na Aldeia Poianau, distante 68 quilômetros de Cruzeiro do Sul, no Acre, criar uma rede de comunicação computadorizada para interligar tribos brasileiras a aldeias do Equador, México, Peru, Colômbia, Guatemala e Canadá.

O projeto deverá ser financiado pela entidade canadense Centro de Investigação do Desenvolvimento Internacional (Cidi) e deverá estar sendo colocado em prática nos próximos quatro meses. No Brasil, os equipamentos ficarão sob a responsabilidade do Movimento dos Povos Indígenas do Vale do Juruá, que representa nove mil índios e nove nações diferentes que vivem espalhados pelo Acre.

As primeiras discussões sobre a necessidade de integrar várias comunidades por meio de um sistema informatizado começaram em novembro de 93, na aldeia dos índios Kitigan Zibi Anishinabeg, em Quebec, no Canadá, durante a primeira reunião do grupo.

Verba — Com menos problemas e mais estrutura que os índios da Guatemala, Brasil e Peru, por exemplo, eles ficaram responsáveis por conseguir patrocínio para o projeto. "Não podemos ainda falar sobre quanto é necessário para a compra de computadores e equipamentos especiais de transmissão de dados, pois a verba ainda não foi aprovada", comenta Rene Tenasco, membro dos Anishinabeg. Durante as reuniões na Aldeia Poianau, os índios falaram sobre suas dificuldades (veja quadro) e não escondiam o interesse em saber mais detalhes sobre o funcionamento do projeto de informática.

Pelo sistema, as aldeias integradas poderão passar boletins sobre suas dificuldades, além de denúncias sobre ameaças de violações dos direitos humanos. Pelo computador, poderão fechar projetos e pesquisas de incentivos com órgãos de outros países. "O simples fato de o índio andar com roupas dos brancos não significa que ele perdeu sua cultura e que não está interessado no progresso", justifica Sia Caxinaua, coordenador do Movimento dos Povos Indígenas do Vale do Juruá.

O Departamento Jurídico da Funai se manifestou favorável à execução do sistema informatizado. Em cada país, uma entidade ficará responsável por comandar os equipamentos e manter contatos com as outras nações. Para isso, serão criados cursos para transformar índios em pessoas em condições de compreender a linguagem do computador. "Vamos usar os avanços tecnológicos para uma causa nobre, que é saber como vivem e o que precisam

os índios de várias culturas", diz Thomas Mattinas, pajé Anishinabeg.

Dificuldades — A situação não é tão simples para os índios da Guatemala, México e Colômbia. Nesses países, eles estão em conflito direto com o próprio governo. "Não existe muito interesse da parte de algumas pessoas que os povos indígenas fiquem unidos", comenta Sebastian Gonzalez Mateo, representante do Majawil Q'ij: Um Novo Amanhecer, entidade preocupada com a recuperação da cultura dos povos Maia, da Guatemala. "Os olheiros invadem as aldeias e sempre nos denunciam quando começamos a nos organizar", diz. O grupo está preocupado com a reação do governo quando souber que podem denunciar maus-tratos e prisões na Guatemala.

A mesma situação acontece no México, onde índios e agricultores iniciaram, em janeiro, uma guerra para ocupar territórios e garantir seus direitos políticos.

Segundo Margarito Xib Ruiz, coordenador da Frente Independente dos Povos Índios, do México, o governo tentou vender aos Estados Unidos a imagem de que os índios do país não são pobres, com a intenção de colocar em prática o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta). "Não sei como o governo reagirá ao saber que teremos

condições de informar ao mundo a situação precária das nações indígenas do México", afirmou. Até o momento, Ruiz não sabe quantos índios, soldados e agricultores morreram na guerra que eles chamam de "Trovão Zapatista". "Estamos prontos para usar e não abusar da tecnologia, que poderá ser um complemento para a sabedoria dos nossos povos", diz.

Perseguição — Na Colômbia, os índios são obrigados a fugir dos guerrilheiros, narcotraficantes e grupos paramilitares. "Vivemos acuados e com medo e o mundo precisa saber desta realidade", afirma Luiz Antonio Ortega, vice-presidente da Organização Nacional Indígena da Colômbia (Onic).

Representantes da entidade canadense, que está financiando a criação da rede de comunicação computadorizada entre as aldeias, estão interessados em saber, com detalhes, a estrutura de cada entidade que ficará responsável pelo gerenciamento das informações e equipamentos.

Após esse levantamento, será feita a compra e distribuição dos equipamentos. "Não podemos mais ficar reclamando dos problemas", comenta o índio Biraci Brasil, responsável pelo contato com as tribos de outros países para a realização do encontro. "Precisamos trabalhar com questões práticas e sem depender da estrutura governamental para agir", diz. "Chegou o momento de ampliar nossos conhecimentos, procurar alternativas próprias de desenvolvimento, mas sem abandonar os nossos conceitos", afirmou.

Delegações estrangeiras provam chá de cipó

ALDEIA POIANAU — Os índios das aldeias Poianau, Caxinaua e Iauanaua, todas do Acre, foram os responsáveis pela organização do 2º Encontro Internacional das Primeiras Nações Indígenas das Américas.

Eles tiveram o apoio da entidade canadense Centro de Investigação do Desenvolvimento Internacional (Cidi), que investiu US\$ 50 mil na organização do encontro no Brasil. Dessa maneira, essas aldeias tiveram condições de retribuir a hospitalidade dos canadenses Kitigan Zibi Anishinabeg que os receberam em novembro, em Quebec.

De Cruzeiro do Sul, distante cerca de 700 quilômetros de Rio Branco, os estrangeiros foram levados de caminhão, na quarta-feira à tarde, para a Aldeia Poianau, onde moram 400 índios.

À noite, quando aconteceu a abertura oficial do encontro, os estrangeiros tiveram uma surpresa. O pajé João Ferreira da Silva, da tribo Iauanaua, ofereceu chá de cipó (aucasca), tomado pelo adepto do Santo Daimé, para afastar os maus espiri-

tos e iluminar o local do encontro. O local da cerimônia, na lateral da aldeia, foi enfeitado com cartazes que pediam proteção para as reuniões.

Todos os representantes, sentados lado a lado, tomaram um copo do chá. Neste momento, a luz forte que iluminava a palhanga foi trocada por uma meio esverdeada, para facilitar a concentração e a posterior "miração" (contato com o astral). "O gosto é bom", disse Nina Pacari Vega, do Equador. Os três canadenses tomaram e repetiram o chá outras duas vezes. "A sensação é ótima", comentou o pajé Thomas Mattinas, surpreso com o ritual silencioso de abertura da reunião.

Atração — O encontro dos representantes de sete países termina hoje à tarde com um almoço característico dos índios iauanaua — peixe com mandioca enrolado com ervas. Índios

brasileiros de outras aldeias participaram de todas as reuniões com o objetivo de verificar as formas de produção e cultura de outros povos.

O cacique guarani Getúlio Jucá, da tribo Caiuá, em Dourados (MS), vê na reunião a possibilidade de intercâmbio para melhorar a situação de 9,6 mil índios que ocupam 3,5 mil hectares. A aldeia Caiuá é cortada por uma estrada de asfalto e torres de iluminação. "Nosso povo está sustentado com os brancos", disse. Só nos últimos dois anos, 70 índios cometeram suicídio. O fenômeno começou nos anos 80. Eles tomam veneno ou se enforcam. "Estou à procura de ajuda, pois preciso salvar o meu povo", afirma. Foi a primeira vez que o cacique Jucá saiu de sua área para participar de reunião com outros índios. "Percebi que todas as tribos enfrentam problemas muito parecidos".

PROMOÇÃO DO ENCONTRO CONSUMIU US\$ 50 MIL

PROBLEMAS NAS AMÉRICAS

Saiba quais as principais dificuldades enfrentadas pelos índios dos sete países que pretendem interligar suas tribos por meio de rede computadorizada

México
São 56 nacionalidades, 35 mil aldeias e 15 milhões de índios, o que representa 15% da população total do país.
Problemas: A situação é mais crítica com os índios chipas, que lutam pela recuperação de seus territórios e direitos políticos.

Canadá
São 53 nações espalhadas em 630 comunidades. Do total de 24 milhões de habitantes, 1 milhão são índios.
Problemas: Lutam para impedir a separação da província de Quebec. Em algumas regiões, enfrentam problemas com a falta de energia elétrica e água.

Colômbia
Do total de 30 milhões de habitantes, 700 mil são índios. Estão divididos em 82 nacionalidades, 64 línguas diferentes e 180 comunidades.
Problemas: Violência no campo é a principal causa de mortes dos índios. Eles estão no meio do fogo cruzado entre narcotraficantes e grupos de guerrilhas e paramilitares.

Brasil
São 260 mil índios, 180 etnias diferentes e 532 áreas indígenas. Ocupam quase 1,1% do território brasileiro. Metade das áreas ainda não foi demarcada.
Problemas: Assédio de garimpeiros e madeireiros. Sem estrutura para manter as aldeias, são seduzidos pelo modo de vida dos brancos, mas sofrem com a adaptação.

Equador
A população total do país é de 12 milhões de pessoas, sendo 45% índios, espalhados em 10 nacionalidades diferentes.
Problemas: Os índios querem recuperar terras na região dos Andes, ocupadas por fazendeiros. Maiores dificuldades estão relacionadas à invasão e ocupação dessas terras.

Peru
São 400 mil índios, divididos em 60 nacionalidades, sendo 36 reconhecidas pelo governo federal. O país tem 32 milhões de habitantes.
Problemas: Falta de apoio do governo para projetos de desenvolvimento e garantia dos direitos territoriais sobre a Amazônia peruana.



O índio Biraci Brasil trabalha em um lap-top, durante o encontro das nações indígenas

ONU receberá documento sobre violações

ALDEIA POIANAU — Os representantes dos sete países reunidos no 2º Encontro Internacional das Primeiras Nações Indígenas das Américas, pretendem encaminhar na próxima semana um documento à Organização das Nações Unidas (ONU) para denunciar as violações dos direitos humanos e também para criticar a falta de interesse dos governos em dar estrutura aos povos indígenas.

Durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), no Parlamento da Terra, 157 países assinaram um convênio de biodiversidade que teria a função de encontrar maneiras para desacelerar o processo de devastação da natureza. Os índios afirmam que o capítulo 26 do convênio, que trata da participação dos povos indígenas nas discussões sobre políticas para o ambiente, não está sendo cumprido. "Temos muito a sugerir e ninguém está interessado em nos escutar", critica o índio Luiz Catip Ianaua, da Confederação das Nacionalidades Amazônicas do Peru (Conap).

Para ele, a maneira como o índio lida com a terra e como sobrevive sem estrutura para escoar suas produções são pontos relevantes e que os governantes devem levar em consideração no momento de traçar políticas ambientais. "O conteúdo do convênio é interessante porque está preocupado com a devastação e amplia os espaços dos índios nessas discussões, mas os governos estão mais interessados em manter o controle total da situação e isso é grave", comenta Ianaua. Ele critica o governo peruano por não demonstrar interesse em colocar em prática projetos de desenvolvimento para os 400 mil índios do país.

No documento, serão apontados casos de violação dos direitos humanos e a situação de violência em que vivem índios da Colômbia, México e Guatemala. "O mundo precisa saber que os problemas dos índios de vários países são muito parecidos, mas que alguns grupos estão sendo exterminados por causa de conflitos internos", afirma Biraci Brasil, vice-coordenador do Movimento dos Povos Indígenas do Vale do Juruá, no Acre. "Fomos sempre excluídos de um sistema de vida que poderíamos ter aproveitado da melhor maneira possível", afirma Thomas Mattinas, do Anishinabeg.

Os índios devem enumerar no documento à ONU o que entendem por violação. Entre os tópicos apresentados por Mattinas estão a falta de comida e educação. Os índios canadenses sugeriram que as demais tribos discutam o assunto e encaminhem documentos para governantes de seus países sobre o que precisam para ter uma vida mais digna. (M.U.)

Iauanauas vendem urucum a norte-americanos

ALDEIA POIANAU — A aldeia dos iauanauas, nas margens do Rio Gregório, município de Taraocá, no Acre, está se transformando numa das áreas indígenas mais promissoras do País. Biraci Brasil, líder dos 320 índios, fez no ano passado vários contatos com entidades e empresas estrangeiras para conseguir apoio técnico e financeiro para colocar em prática alguns projetos. A empresa americana de cosméticos Aveda Corporation se interessou a ajudar a aldeia e investiu US\$ 50 mil na compra de sementes de urucum, usado na fabricação de batons e xampus. No ano passado, representantes da empresa levaram para seus laboratórios algumas amostras do urucum. Após vários testes, decidiram pela produção de uma linha de cosméticos lançada oficialmente no mercado americano em janeiro passado. "Estamos preservando a nossa cultura, rituais, mas também estamos sintonizados com tecnologia e desenvolvimento", explica Brasil.

Com o dinheiro repassado pela empresa, os índios compraram sementes e plantaram 13 mil pés de urucum, guaraná e pupunha (considerado excelente fixador de perfu-

mes e que será exportada na forma de óleo). São 28 mil pés de culturas variadas na aldeia, que possui 92 mil hectares. As plantações ocupam 45 hectares. A primeira safra da aldeia será colhida em junho do próximo ano e está previsto um lucro de US\$ 500 mil. Os iauanauas deverão exportar, só de urucum, 70 toneladas para a Aveda Corporation. A aldeia também está desenvolvendo outras formas de ganhar dinheiro, com a fabricação do couro vegetal — látex preparado e aplicado sobre tecido, que quando passa pelo processo de defumação fica com aparência e resistência de couro tradicional. O primeiro lote de couro vegetal será entregue em agosto para a Eco Mercado do Brasil, que deve repassar os 5 mil sacos ou 10 mil lâminas do couro para a empresa americana Deja. O lançamento oficial do produto está previsto para acontecer em setembro, em Nova York. "Estamos procurando parceiros para colocar em prática outros projetos", afirma Brasil, empolgado

EMPRESA INVESTIU US\$ 50 MIL EM SEMENTES

com os primeiros resultados da nova fase da aldeia. No mês passado, a empresa Aveda encaminhou ao Brasil alguns exemplares do mostruário dos três diferentes batons feitos com o urucum dos iauanauas.

Os índios canadenses kitigan zibi anishinabeg devem visitar a aldeia nesta semana para verificar as formas de produção. Existe a possibilidade de alguns convênios entre os iauanauas e entidades canadenses.

Diferente dos índios caiapós, no Pará, que também mantêm contatos com empresas no Exterior, os iauanauas não destroem o ambiente. Esse foi um fator decisivo para que as empresas americanas apostassem na capacidade

de produção dos índios. Toda a comunidade está envolvida no projeto. "Estamos provando que não temos medo de trabalho e que somos competentes", diz Brasil. Os iauanauas preservam sua cultura e as crianças aprendem primeiro a língua da tribo e só depois de alfabetizadas nesta língua é que aprendem o português.